



## REFLEXÕES SOBRE A GASTRONOMIA SOCIAL COMO FERRAMENTA PARA REDUZIR DESIGUALDADES DE GÊNERO

**Autores/as:** Katharina Backes Costa Silva (Universidade do Estado do Rio de Janeiro; [katharinabackes@hotmail.com](mailto:katharinabackes@hotmail.com)); Fabiana Bom Kraemer (Universidade do Estado do Rio de Janeiro; [fkraemer@uerj.br](mailto:fkraemer@uerj.br)); Daniela Alves Minuzzo (Universidade Federal do Rio de Janeiro; [daniela.minuzzo@ufrj.br](mailto:daniela.minuzzo@ufrj.br)).

**RESUMO EXPANDIDO:** Gastronomia social, gênero, raça e cultura.

### Problematização do tema

A precarização socioeconômica das mulheres decorre de um processo histórico de discriminação de gênero que atravessa diferentes dimensões da vida social, afetando o acesso a direitos, oportunidades e reconhecimento nas esferas pessoal e profissional. Essa desigualdade está fundamentada na divisão sexual do trabalho, que não se restringe apenas ao âmbito profissional, mas organiza e hierarquiza práticas, valores e significados em toda a vida social. De acordo com Bourdieu (1998), essa lógica se consolida como uma “ordem das coisas”, a posição de superioridade associada ao homem aparece nos modos de pensar e agir das pessoas, naturalizando esses papéis sociais e legitimando a reprodução de uma sociedade desigualitária.

Dessa forma, os gêneros assumem papéis que são considerados naturais e intrínseco à sua própria existência, no qual a responsabilidade pelos afazeres domésticos e pelo cuidado com familiares recai de forma desproporcional sobre as mulheres, o que limita sua participação e crescimento no mercado profissional. Ao mesmo tempo, quando inseridas em atividades remuneradas, as mulheres enfrentam barreiras estruturais em diferentes níveis da carreira. A presença feminina tende a ser restrita a funções socialmente associadas ao “feminino”, como cargos ligados ao cuidado ou às tarefas vistas como mais frágeis ou delicadas, enquanto o acesso a outras posições, sobretudo as de liderança, torna-se ainda mais difícil (Briguglio, 2017).

No espaço doméstico, o preparo dos alimentos é socialmente atribuído às mulheres e tratado como tarefa naturalizada e invisível. Já na cozinha profissional, especialmente nos cargos de prestígio, a presença masculina predomina, sendo associada ao reconhecimento, à técnica e ao poder.



Nesse contexto, a gastronomia social pode ser compreendida como uma estratégia de enfrentamento das desigualdades, ao se propor articular formação profissional, geração de renda e valorização do saber culinário. Para mulheres em situação de vulnerabilidade, essas iniciativas representam possibilidades simbólicas e práticas de transformação social.

### Objetivo

O objetivo deste trabalho é refletir sobre o papel da gastronomia social como estratégia de enfrentamento das desigualdades de gênero, buscando compreender em que medida as iniciativas voltadas para mulheres em situação de vulnerabilidade no Rio de Janeiro podem mobilizar a cozinha como ferramenta de transformação social.

### Processo analítico com fontes de informações

O processo analítico deste ensaio consiste em três fontes primárias de informações. A primeira refere-se aos dados existentes no RASEAM (2025) e IBGE (2022) sobre as desigualdades de gênero no mercado de trabalho e no cuidado da alimentação, o que permite avaliar os efeitos da divisão sexual do trabalho sobre as condições de inserção profissional da mulher.

A segunda fonte é a literatura acadêmica, que permite articular os dados empíricos com reflexões sobre alimentação e construção social do gênero. Autores como Bourdieu (1998) e Briguglio (2017) contribuem para a discussão de como a cozinha, enquanto um espaço social e simbólico, pode ao mesmo tempo reforçar e romper os papéis tradicionais de gênero.

Por fim, considera-se o levantamento de iniciativas de gastronomia social desenvolvidas no Rio de Janeiro que articulam alimentação, formação profissional e inclusão social. Embora não sejam objeto de análise aprofundada neste ensaio, tais experiências funcionam como exemplos ilustrativos da emergência de práticas que mobilizam a cozinha como possível instrumento de transformação social.

### Formas de analisá-las

Os dados levantados pelo RASEAM (2025) demonstram a desigualdade estrutural entre homens e mulheres no mercado de trabalho e na esfera doméstica. A participação feminina na força de trabalho (52,6%) é vinte pontos percentuais inferior à masculina



(72,3%), embora as mulheres constituam a maioria da população brasileira. Além disso, a diferença salarial média de 20,7% em relação aos homens expressa não apenas uma discrepância econômica, mas também a reprodução de papéis de gênero historicamente consolidados.

As disparidades podem ser compreendidas a partir das hierarquias sociais que se legitimam pela naturalização simbólica das diferenças entre feminino e masculino. Bourdieu (1998) apresenta que a ordem social estrutura-se em classificações dicotômicas, atribuindo ao masculino valores ligados ao público, ao poder e ao prestígio, enquanto o feminino é associado ao espaço privado, ao cuidado e ao “ordinário”. Nessa lógica, a identidade da mulher é frequentemente reduzida a uma função complementar, ela se torna um objeto de reafirmação da existência masculina, destinada a reforçar e perpetuar o capital simbólico dos homens.

Essa dinâmica contribui para a desvalorização do trabalho doméstico, socialmente representado como uma atividade “simples” ou “natural” do feminino, apesar de sua complexidade e centralidade para a reprodução da vida social. O resultado é a legitimação de posições desiguais como se fossem naturais, o que sustenta estereótipos como a ideia de que “o lugar da mulher é na cozinha” (Briguglio, 2017). Nesse contexto, o espaço doméstico funciona como um capital simbólico negativo, ele associa a mulher ao privado, invisibilizando suas competências e dificultando o reconhecimento de sua presença em espaços profissionais.

A lógica de associação simbólica entre o feminino e o espaço privado torna-se evidente no campo da alimentação. Existe, portanto, o paradoxo da cozinha: no lar, as mulheres assumem quase que integralmente a responsabilidade pela alimentação e pelo cuidado da família e da casa, dedicando em média vinte e duas horas semanais a essas tarefas, ao passo em que os homens dedicam não mais que doze horas semanais (IPEA, 2022). De acordo com a PNAD Contínua (IBGE, 2022), 91,3% das mulheres realizam trabalho doméstico não remunerado, frente a 79,2% dos homens; já no trabalho doméstico remunerado, a participação feminina alcança 91,8% (RASEAM, 2025).

Entretanto, quando se trata da gastronomia profissional, especialmente em posições de maior prestígio e visibilidade, permanecem predominantemente dominados pelo masculino, a profissão de chef de cozinha foi historicamente construída como território masculino, mesmo que as práticas culinárias cotidianas tenham sido desempenhadas pelas mulheres (Briguglio,



2017). Essa contradição é explicada por Bourdieu (1998) em como a divisão sexual do trabalho se estende ao campo do capital simbólico, atribuindo aos homens o monopólio das atividades oficiais e socialmente valorizadas. Desse modo, enquanto as mulheres permanecem associadas ao espaço privado e às tarefas domésticas, os homens dominam os cargos de maior prestígio na gastronomia profissional, reforçando a divisão desigual do trabalho e a invisibilização do saber feminino.

Essas desigualdades decorrentes da dominação masculina (Bourdieu, 1998) se tornam mais evidentes quando analisadas a partir do recorte da vulnerabilidade social. Mulheres negras e pardas, periféricas e chefes de família enfrentam barreiras adicionais ao acesso e entrada no mercado de trabalho, reproduzindo essa desigualdade estrutural. Dados do RASEAM (2025) apresentam que, aproximadamente, 60% dos domicílios chefiados por mulheres vivem com até um salário mínimo per capita, percentual que alcança quase 70% entre as que se declararam pretas ou pardas.

Nesse contexto, a gastronomia social surge como uma possível estratégia para enfrentar desigualdades estruturais ao oferecer cursos de capacitação profissional e oportunidades de geração de renda. No Rio de Janeiro, crescem as iniciativas que utilizam a cozinha como ferramenta de inclusão social, com foco no público feminino em situação de vulnerabilidade. Em um mapeamento inicial, foram identificados dez projetos que trabalham nessa perspectiva, entre eles: Maré de Sabores; Superação na Cozinha; Gastrojus; Gastromotiva (*Juntas na Mesa e na Liderança e Juntas na Mesa e nos Negócios*); Donas da Parada; Mulheres da Costeira; Elas na Culinária; Cozinha e Hortas Solidárias.

Nos discursos institucionais dessas iniciativas, destacam-se termos que refletem os objetivos de transformação social e subjetiva da mulher: “autonomia” e “autonomia econômica”, “autoestima”, “superação”, “empoderamento”, “empreendedorismo” e “protagonismo feminino”. A escolha desses termos revela uma estratégia de discurso que evidência a centralidade da proposta desses projetos em criar condições para que as mulheres tenham acesso ao trabalho e à renda e, simultaneamente, construam novas formas de reconhecimento e existência social a partir da gastronomia.

Apesar dos projetos de gastronomia social buscarem promover a valorização da mulher e a sua independência financeira e social por meio da inserção no mercado de trabalho, é importante observar de que maneira os discursos institucionais se articulam no cenário existente. Termos como “empoderamento”, “autonomia” e “protagonismo feminino”



aparecem como objetos centrais de transformação, no entanto, sua concretização depende também de fatores externos, como o acesso a oportunidades de empregos dignos, a existência de redes de apoio e políticas públicas que auxiliem no enfrentamento dessas desigualdades.

Dessa forma, percebe-se uma dualidade nas iniciativas de gastronomia social, apesar de oferecerem um espaço que pretende promover a (re)construção identitária e simbólicas para mulheres que historicamente foram invisibilizadas, promovendo apoio material, com a capacitação, e emocional, ao enfatizar valores como “protagonismo” e “superação”, podem se arriscar ao responsabilizar exclusivamente essas mulheres pela sua condição social, sem questionar as estruturas que sustentam essas desigualdades.

Além disso, a capacidade de ação desses projetos ainda é limitada, uma vez que, entre os mapeados inicialmente, nenhum é promovido diretamente pelo poder público, dependendo em grande parte de doações de pessoas físicas e de parcerias com empresas para garantir sua continuidade.

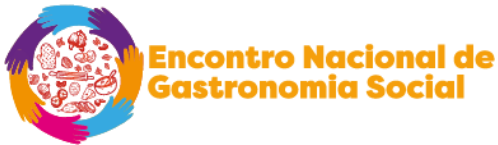
#### Considerações Finais

Dessa forma, a análise dos dados e da literatura permite compreender que as desigualdades de gênero no campo da alimentação, do trabalho e da gastronomia são atravessadas por construções históricas e simbólicas que naturalizam a condição secundária da mulher nas esferas públicas e privadas. Como foi evidenciado por Bourdieu (1998) e Briguglio (2017), a cozinha permanece como um espaço paradoxal: atribuída às mulheres no lar, mas marcada pela exclusão feminina nos cargos da gastronomia profissional.

Nesse cenário, as iniciativas de gastronomia social identificadas no Rio de Janeiro demonstram potencial para modificar esse quadro, ao promoverem processos de transformação por meio da formação profissional. Os termos utilizados em seus discursos reforçam a tentativa de romper com paradigmas socialmente estabelecidos.

No entanto, ainda existem dificuldades presentes nessas iniciativas, ao enfatizar valores de superação individual, correm o risco de responsabilizar exclusivamente as participantes por seu sucesso, além das limitações pela ausência de apoio público que restringe seus alcances.

Conclui-se, portanto, que a gastronomia social pode ser compreendida como uma ferramenta significativa de enfrentamento das desigualdades de gênero, mas sua eficácia depende de uma articulação mais ampla com políticas públicas. Nesse contexto, ser mulher



significa também afirmar-se em resistência, em um movimento contínuo de luta por equidade e autonomia. Apenas a partir de uma reestruturação das bases sociais e institucionais que a cozinha deixará de ser um espaço de repressão do feminino para se tornar um local de emancipação.

Por fim, reconhece-se que esta pesquisa apresenta limitações, principalmente, pela ausência de uma análise aprofundada de cada projeto social identificado e pela restrição às fontes secundárias disponíveis. Pesquisas futuras poderão avançar na observação empírica dessas iniciativas, explorando de maneira mais detalhada os impactos concretos que produzem na vida das mulheres participantes.

### **Referências:**

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Tradução de Maria Helena Kühner. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRIGUGLIO, Bianca. Cozinha é lugar de mulher? Desigualdades de gênero e masculinidade em cozinhas profissionais. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017. Disponível em: [https://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498781075\\_ARQUIVO\\_bianca\\_briguglio\\_cozinhaelugardemulher.pdf](https://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498781075_ARQUIVO_bianca_briguglio_cozinhaelugardemulher.pdf). Acesso em: 3 set. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Outras formas de trabalho 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-d-e-domicilios-continua-mensal.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 8 set. 2025.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (Ipea). Trabalho doméstico e de cuidados não remunerado – Apresentação. Brasília: Ipea, 2022. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/retrato/indicadores/trabalho-domestico-e-de-cuidados-nao-remunerado/apresentacao>. Acesso em: 8 set. 2025.

Relatório Anual Socioeconômico da Mulher (RASEAM) 2025. Autoria: Ministério das Mulheres; Observatório Brasil da Igualdade de Gênero. Brasília: Observatório Brasil da Igualdade de Gênero/MMULHERES, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/mulheres/pt-br/central-de-conteudos/publicacoes/raseam-2025.pdf/view>. Acesso em: 1 set. 2025.



**Palavras-chave:** Gastronomia social, Gênero, Vulnerabilidade social.

**Fonte(s) de financiamento/apoio:** O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

**Conflito de interesses:** Não há conflito de interesse a declarar.